Fragmentos da Eternidade

Capítulo 1 – O Jardineiro Estelar

O silêncio entre os mundos não era feito de vazio, mas de semente.

Havia um lugar onde o tempo não ousava ditar ritmo e onde o espaço se curvava para dar passagem ao improvável. Lá, raízes douradas flutuavam por entre fendas dimensionais, e planetas recém-formados se alinhavam como brotos frágeis em vasos galácticos. Era um jardim — não de terra, mas de realidades.

Ali vivia Origem.

Nem deus, nem guerreiro, nem profeta. Apenas um jardineiro dos universos.

Suas mãos — longas, serenas — trabalhavam com precisão entre constelações em formação. Seus olhos, azuis como uma noite em céu estrelado, não olhavam o tempo: contemplavam a eternidade. E sua presença, solene, silenciosa, mantinha o equilíbrio entre mundos que nem sabíamos que existiam.

Origem estava sozinho há muito tempo. E em seu silêncio, floresciam apenas memórias.

Naquele dia — que poderia ser um hoje, ou um sempre — o céu acima do jardim rasgou-se como papel molhado. Um portal abriu-se em espiral, emitindo um brilho desordenado. Um vulto caiu. Um corpo humano, desorientado, tossindo entre raízes brilhantes.

Origem se aproximou, curvando-se como quem analisa uma muda ferida.

— Você está ferido... mas ainda não partiu — disse, oferecendo uma esfera de luz pálida.

O homem aceitou, confuso, e as dores se dissiparam em segundos. Ele olhou ao redor, tentando compreender aquele lugar que cheirava a poeira estelar e flores de luz.

— Onde... o que é isso?

— Um jardim. Entre as bordas do que é real.

Mais tarde, sentados sobre uma raiz flutuante, o visitante — ainda pálido — perguntou:

— Você mora aqui sozinho?

Origem não respondeu de imediato. Seus olhos azuis voltaram-se para uma flor galáctica que desabrocha, suavemente.

— Há muito tempo... mas nem sempre é assim e nem sempre será.
— Te contarei algo que aconteceu no fluxo do tempo
E então, ele lembrou.

Houve um mundo. Um lar.
Repleto de folhas cantantes, rios suspensos e um céu que mudava de forma conforme o humor das manhãs.

Origem era apenas um menino, feliz, leve, bagunçado. Sua cauda de raposa balançava quando corria, e suas orelhas se moviam curiosas diante do som das sementes saltando sozinhas.

Seus pais eram o centro daquele universo.
O pai, alto e forte, trazia nas costas um manto coberto de musgo brilhante. A mãe, delicada como pétala de lua, possuía olhos dourados e voz capaz de fazer flores desabrocharem.

— Peguei meu cometa travesso! — dizia o pai, erguendo o Origem nos braços.

— Cuidado ou ele vai sair flutuando de novo! — sorria a mãe, colhendo frutas que cantavam.

Viviam assim: entre jantares sob copas de árvores que iluminavam histórias, e tardes onde brincadeiras viravam coreografias do vento. Nunca falaram de missões. Nunca pensava em expectativas. Só diziam:

— Viva sua vida, filhote. Floresça, quando for tempo.

E Origem acreditava que o tempo nunca acabaria.

Mas então, o céu — sempre vivo, sempre mutável — começou a rachar. Pequenas linhas negras cortaram o azul. As flores se fecharam. Os rios começaram a se curvar para cima.

— Você sentiu isso? — perguntou a mãe.

— Está chegando... mais cedo do que prevíamos — disse o pai.

Não houve desespero. Houve ação.

Os dois começaram a construir algo — uma cápsula feita de raízes antigas, envolta em cristais de memória. Uma semente viva, selada por amor.

— Ele precisa partir — disse o pai. — Ele precisa encontrar o solo dele.

— Viva, Origem — sussurrou a mãe, ajoelhada. — Não pelo que virá... mas por tudo que você é.

Não houve promessas de grandezas. Não houve encargos.

Apenas um beijo. Um manto. E um sorriso triste enquanto o menino entrava na cápsula. Seus olhos azuis choravam, refletindo o céu em colapso.

— Foi bom... tudo isso?

— Foi vida — respondeu o pai.

E então… ele foi lançado.

A cápsula atravessou dimensões em espiral. Caiu, por fim, em um campo de grama baixa e céu sem memória. Origem acordou ofegante. Seus olhos encontraram estrelas que não conhecia. E ali, de pé entre o mato e o silêncio, estava Ômega, cabelos loiros, olhos eternos, cada um de uma cor, curioso, cauteloso e, de algum modo, gentil.

Ele não falou de imediato. Apenas se aproximou da cápsula e observou o Origem como se observasse um sonho esquecido.

— Você veio das estrelas?

Origem hesitou. Depois assentiu, murmurando:

— …Eu acho que sim.

Não foi uma amizade rápida.
Não houve sorrisos fáceis.

Ômega, por dias, apenas observou. Às vezes oferecia água, frutas, um olhar breve. Por curiosidade, por piedade — e porque havia algo naqueles olhos azuis que lembrava o céu depois da chuva.

Semanas se passaram.

Origem falava pouco. Trabalhava sozinho, arrumando pequenas plantas com dedos pacientes, como se tentasse reconstruir um mundo perdido. Ômega assistia. Às vezes ajudava. Às vezes ficava em silêncio ao seu lado.

A confiança cresceu como raiz: invisível, mas profunda.

Três meses depois, o céu partiu-se novamente.

Uma nova rachadura de realidade cortou o campo como uma fenda quente. O som era familiar. Origem sentiu no corpo antes de ver.

— Está acontecendo de novo — disse, baixo.

— Isso... não é possível — respondeu Ômega, mas ao olhar ao redor, entendeu. As árvores estavam mortas. O mundo ao redor estava quebrado. Tudo que ele conhecia… já havia caído.

Eles correram.

Encontraram abrigo onde a cápsula caída de Origem ainda repousava, enferrujada, coberta de musgo e silêncio. Ela parecia velha demais para funcionar, mas o tempo apertava.

Origem a abriu. Olhou para Ômega.

— Você vem?

Ômega hesitou. Seus olhos se voltaram uma última vez para aquele campo, para aquela vida. Mas não restava mais nada.

Ele entrou.

A cápsula começou a pulsar.

Origem olhou para ele, sereno.
— Foi assim comigo também.

E então, os dois foram lançados ao desconhecido.
Fragmentos de dois mundos.
Agora, juntos.

Capítulo 2 – A Cidade das Feras

A cápsula tremeu. Um pulso cruzou seus circuitos como um soluço do multiverso. Luzes piscavam, sinais indecifráveis piscavam em tons que não significavam nada — mas gritavam urgência.

Origem e Ômega se entreolharam. Nenhum dos dois disse nada. A cápsula, que por meses dormirá em silêncio, agora parecia prestes a despertar em pânico.

E então... tudo se partiu.

O chão, o céu, a direção — tudo sumiu. A cápsula caiu. Não havia horizonte, apenas o vazio que se tornava forma.

Quando pousaram, não houve explosão. Apenas um deslizamento suave sobre uma superfície lisa e estranhamente quente. A escotilha se abriu como um suspiro.

Diante deles, uma cidade.

Não como as que conheciam. Ela parecia ter sido esculpida pela natureza e pela razão ao mesmo tempo. Torres orgânicas cobertas de folhagens metálicas, ruas curvas como rios fossilizados, veículos flutuando como libélulas de luz. Era futurista, mas viva.

E cheia.

Havia vida em movimento: habitantes de todas as formas... exceto humanos.

Ursos com ternos conversavam sob semáforos de névoa. Raposas de óculos digitavam em dispositivos de pulso. Gaviões desciam com asas dobradas em mochilas planadoras. Felinos saltavam de plataformas móveis. Todos — animais. Antropomórficos, eretos, conscientes. Uma civilização completa.

Origem olhou ao redor, deslumbrado. Seus olhos refletiam as luzes da cidade.

— Não vejo nenhum humano — murmurou Ômega.

— Nem alguém como eu — disse Origem.

Mal haviam abandonado a cápsula e posto os pés nas ruas da cidade quando sentiram o peso de olhares invisíveis: passar despercebidos era impossível. Um cão de pelagem cinzenta, impecavelmente fardado, surgiu da névoa úmida; em questão de segundos, outros se alinharam ao seu flanco. Formavam um pequeno pelotão, avançando em passos ritmados, focados e silenciosos.

A língua era estranha. Os sons soavam como assobios e trancos. Eles falavam, ordenavam, questionavam. Ômega levantou as mãos. Origem tentou parecer calmo. Nenhum gesto bastava.

Foram levados.

Não com violência — mas com firmeza. Como algo raro e perigoso.

Confinados numa cela de vidro curvo, tentaram de tudo: gestos, rabiscos na parede, até um idioma improvisado. Dias se passaram em silêncio, apenas olhares e cliques ecoando. Então, finalmente, um tradutor rudimentar funcionou e quebrou a primeira barreira de comunicação.

E assim, descobriram.

O lugar chamava-se Metria, capital do continente Auralin, num mundo onde humanos nunca existiram. Onde a vida evoluíra de forma completamente diferente, as espécies, por si, criaram sociedade, tecnologia, arte.

Ali, Origem e Ômega pareciam lendas de contos infantis que haviam ganhado vida.

Quando ficou claro que não representavam perigo, receberam liberdade provisória; a cápsula foi selada e eles, realocados. Passaram cinco meses naquela terra: aprenderam o idioma local, percorreram campos e cidades e desfrutaram, por fim, de um raro intervalo de paz.

Origem passou a cuidar de uma estufa administrada por um velho camaleão. As flores ali cantavam sob a luz e, ao menor toque de suas mãos, brotavam com vida nova, para espanto de todos. Já Ômega ensinava história alternativa a texugos, doninhas e lobos; os alunos o ouviam boquiabertos, reconhecendo nos relatos ecos dos contos que seus pais lhes contavam. Ele mesmo não sabia de onde vinham aqueles conhecimentos — apenas lampejos, como se já os tivesse presenciado em algum momento da vida.

Eles se adaptaram. Fizeram parte.

Mas então… veio a rachadura.

Uma fenda fina rasgou o céu, deslizando com a frieza do inevitável. Origem sentiu o mesmo sussurro que levara seus pais, sua casa, seu mundo.

— Não… — murmurou, olhando para cima.

Ômega correu até ele.

— De novo?

— Sim, mas desta vez não vamos fugir — disse Origem, lutando para conter o medo.

— Então iremos juntos — respondeu Ômega.

A rachadura, porém, não ouviu.

Não houve explosões. Só silêncio, luz estilhaçada e a gravidade virada ao avesso sob seus pés. A cidade seguiu intacta; ninguém percebeu a fenda no céu.

Eles tentaram resistir, agarrados ao que haviam construído ali, mas a realidade os arrancou como vento forte leva folhas.

Por um instante, perderam o contato: a mão de Ômega escorregou dos dedos de Origem.

Escuridão.

Quando voltaram a sentir o chão, estavam em mundos distintos — o mesmo universo, extremos opostos.

Origem despertou num lugar úmido e frio. Sozinho.

Ômega, longe dali, também.

Não sabiam por que foram levados, nem puderam pensar no que deixavam. Sabiam apenas que, agora, estavam separados.

Capítulo 3 – Entre Céus e Máquinas

Origem despencou entre colunas douradas sob um vento frio, envolto numa névoa que cheirava a relâmpagos. Rolou por um campo de musgo azul, cercado por árvores tão altas que pareciam escadas para as estrelas.

Acima dele, pontes de pedra viva uniam torres ciclópicas; no horizonte, dragões de luz patrulhavam o céu.

Em inscrições rúnicas que reluziam por todo lado, lia-se um único nome: Asgard.

Ele não sabia onde estava, nem por quê. Sentia apenas o vazio à sua direita: Ômega não estava ali.

Enquanto isso, em outro ponto da realidade, Ômega despertou entre concreto e aço. O chão era metálico e edifícios idênticos erguiam-se em fileiras sem fim. Acima, drones zumbiam; torres lançavam sinais codificados.

De alto-falantes distantes vinham frases truncadas: "... aqui é a Terra... não sei por quê... Midgard...".

Seu primeiro impulso foi chamar por Origem, mas o grito se perdeu nas sirenes e motores de uma cidade que nunca dormia.

Sentinelas montadas em lobos brancos encontraram Origem. Não mostraram hostilidade, apenas cautela. Levaram-no por corredores gravados com runas e portais de luz azul até os salões dourados de Asgard.

Ali, deuses e semideuses o avaliaram em silêncio.

— Não é dos nossos — disse uma mulher de pele pálida e olhos gélidos.

— Mas traz vestígios de magia — observou um guerreiro com braço de prata viva.

Origem não entendia a língua, mas conhecia o tom: estavam decidindo seu destino.

Concederam-lhe abrigo e vigilância.

Com a ajuda de uma valquíria chamada Eir, ele aprendeu símbolos, gestos e, aos poucos, palavras. Conheceu os nove reinos, a guerra, a glória e o orgulho de Asgard. E ouviu falar de Midgard — o mundo que lutava para se manter de pé.

Em Midgard, Ômega foi resgatado por Kael, estrategista da resistência — alto, resoluto e sem tempo para perguntas.

— Você caiu do céu; isso já o torna um problema grande o bastante — disse Kael, ativando um campo de camuflagem ao redor deles.

O mundo travava guerra aberta. Asgard avançava com criaturas rúnicas e artefatos dimensionais; Midgard respondia com torres de energia, escudos fotônicos e vigilância incessante.

A cidade era um motor vivo. Técnicos, rebeldes, engenheiros e soldados trabalhavam com um único objetivo: sobreviver.

Ágil e curioso, Ômega aprendeu a decifrar códigos e dominar o idioma local. Logo passou a ensinar sobre outros mundos… e foi aceito.

Ainda assim, todas as noites, antes de adormecer, lembrava-se de Origem. Estaria vivo? Onde estaria? Não sabia; mantinha apenas a esperança.

Em Asgard, Origem nas manhãs frias, empunhava uma lança forjada em pura luz e saltava por entre ilhas de pedra suspensas, moldando energia com movimentos contidos; à tarde, Eir o guiava pelos salões de vidro do Conservatório de Alfheim, onde colunas douradas refletiam cada folha que despertava ao toque de suas mãos — flores que cantavam em tons cristalinos sempre que o sol atravessava as cúpulas de cristal. À noite, descia às profundezas da Forja de Brokkr: um braseiro colossal do tamanho de um prédio de dez andares, onde rios de metal vivo corriam como fogo líquido e o calor, paradoxalmente, transmitia a mesma intimidade de um lar. Quando o dia precisava terminar, Bragi o conduzia a um mirante de pedra branca além das muralhas: ali o silêncio era cortado apenas pelo rio espectral que despencava no vazio, e a aurora boreal tecia fitas de cor acima de suas cabeças, acompanhando as baladas que o deus escaldo criava a partir das histórias de Origem.

Mas, mesmo cercado de amigos e maravilhas, os olhos de Origem insistiam em procurar o céu.

Numa dessas vigílias, sentado na muralha norte onde o vento cortava e o silêncio pesava, ele viu um clarão rasgar as nuvens. Por um breve instante, o brilho na lâmina de sua lança refletiu um rosto bem-conhecido — Ômega, com um olho azul e outro vermelho — lembrando-o de imediato do amigo perdido.

— Ômega… — sussurrou, e o mundo estacou por um fôlego.

Ao mesmo tempo, em Midgard, Ômega lutava entre escombros de concreto e aço. Torres de energia tremeluzentes defendiam uma cidade que já perdera muito: fachadas estilhaçadas, sirenes intermináveis, sombras de monstros asgardianos riscadas como abutres no céu. Ao seu redor, Kael ajustava planos de evacuação; Mira soldava paineis quebrados; Rok corria pelos telhados com peças de rádio escondidas no casaco. Era um mundo cansado, porém teimoso.

Na cobertura do abrigo subterrâneo, Ômega ligou a **Antena de Oricalco** — um mastro improvisado de ligas exóticas pinçadas de sucata divina. Havia alterado frequências que "não deveriam funcionar", mas algo nele dizia que sim. Ao apertar o botão, um pulso branco cortou as nuvens sulcadas de fumaça, iluminando brevemente os rostos marcados pela guerra. Foi um sinal. Talvez um milagre.

Em dois mundos diferentes, dois corações dispararam, sabiam agora, sem explicar como, que o outro estava vivo e que se procurava com a mesma urgência.

Mas o tempo era inimigo. Asgard afiava lanças de luz; Midgard erguia escudos fotônicos. O conflito aproximava-se como uma tempestade inevitável. Entre profecias e sirenes, **Origem e Ômega corriam contra a próxima rachadura**, determinados a reencontrar-se antes que a guerra ou o destino os apartasse para sempre.

Capítulo 4 – O Fim do Ciclo

O céu se rasgava em silêncio. Asgard marchava. Colunas de luz azulada desciam dos céus, carregando lanças vivas e guerreiros montados em bestas de fumaça. Suas armaduras brilhavam como prata ao sol, orgulhosas e ancestrais. No horizonte, as torres de Midgard ativavam escudos, feixes de plasma e linhas de drones de guerra.

O conflito que por meses fermentava em rumores e contenções agora florescia em guerra aberta.

Origem não era mais apenas um visitante. Aceito por Asgard como aliado, fora autorizado a observar a linha de frente. Não lutava. Mas caminhava entre os deuses, os filhos do trovão, os corvos de olhos rúnicos. E buscava.

Buscava um rosto. Uma presença. Um eco.

Ômega estava em Midgard, entre os estrategistas da resistência. O chão tremia sob seus pés. Os céus vibravam com distorções. Ele sabia que Origem podia estar entre os que vinham do norte.

E mesmo assim ficou.

Esperando. Ouvindo. Procurando.

O ataque começou com o sussurro de trovões.

Asgard abriu os portais. Midgard disparou os canhões atmosféricos. O ar vibrou em múltiplos espectros. Linhas de soldados, escudos pulsantes, runas em chamas, torres de fogo.

Foi no meio da confusão que se viram.

Dois corpos, duas luzes. Entre os milhares, seus olhos se encontraram. A poeira não conseguiu escondê-los.

Origem.

Ômega.

O instante se esticou além do possível: folhas paradas no ar, gotas de chuva suspensas a meio caminho do chão.

— Você… — sussurrou Origem, o fôlego rasgando-lhe o peito.

— Eu sabia que você viria — respondeu Ômega.

Então avançaram, únicos em movimento, rasgando a tormenta como se habitassem um segundo só deles.

Quando se tocaram, um clarão azul-dourado irrompeu, quebrando o imobilismo e varrendo a poeira do campo.

Soldados de ambos os lados pararam. E então perceberam.

Ômega estava cercado por um campo mágico. Seus olhos heterocromáticos brilhavam intensamente; pedras levitavam, runas antigas se acendiam.

— Ele tem magia — sibilou um guerreiro de Asgard, recuando.

— Ele é um traidor — rosnou um comandante de Midgard.

Em segundos, as armas se voltaram contra os dois.

Origem se colocou à frente de Ômega, braços abertos.

— Esperem! Ele não é o que pensam!

Mas ninguém escutava. Não havia espaço para explicações.

As primeiras flechas rasgaram o ar; lanças de energia crepitaram. Eles começaram a atacá-los até que…

O chão tremeu. Uma rachadura começou a se formar — não como antes, mas diferente: interna, instável. O campo de batalha colapsava.

E finalmente... o silêncio veio.

Origem ergueu-se, poeira escorrendo pelos ombros.

— Não pertencemos a Asgard… nem a Midgard — declarou, voz firme, mas carregada de incerteza. — A verdade é que nem nós sabemos o que somos. Apenas… atravessamos fronteiras que não deviam existir e, de alguma forma, chegamos aqui.

Um sussurro percorreu as fileiras.

Ômega respirou fundo, os olhos heterocromáticos faiscando.

— Caímos de céu em céu, tentando entender quem somos e por que sobrevivemos a cada queda — completou, sem arrogância. — E agora vemos vocês erguendo armas… por quê?

Origem cravou a lança de luz no chão diante da rachadura que se alastrava; filamentos dourados brotaram da lâmina, soldando o solo. Ao lado dele, Ômega girou o pulso — o ar vibrou, e os pedaços de terra suspensos deslizaram de volta às suas fendas, como se o tempo lhes desse uma segunda chance.

O estalo da fenda sendo selada ecoou.

— Não buscamos glória nem lugar em seus exércitos — disse Origem, voltando-se para as linhas de guerreiros. — Só imploramos que parem antes que este mundo se parta de vez.

O campo permaneceu mudo; pela primeira vez, ninguém ousou atacar.

O campo de batalha se calou. De um lado, os deuses antigos com suas runas e sabedoria ancestral. Do outro, os cientistas de Midgard com sua tecnologia refinada. Todos, por um instante, vendo-se refletidos em dois forasteiros que não queriam lutar.

E ali nasceu algo novo.

Um tratado. Uma ponte de palavras, tecnologia e magia. Um elo entre mundos divididos — criado por quem não pertencia a nenhum deles.

Origem e Ômega recusaram medalhas, cargos, legados.

— Somos só viajantes — disseram.

Mas desta vez... não partiram.

Pela primeira vez, permaneceram.

Pois algo — nos céus, no solo, ou dentro de si mesmos — ainda estava por vir.

Capítulo 5 – As Raízes do Destino

Três anos se passaram.

Asgard e Midgard, outrora extremos de um eixo partido, aprenderam a coexistir.

Os portões dourados do reino celeste abriram-se para engenheiros de Midgard, que trocaram suas torres enferrujadas por laboratórios revestidos de runas. Em troca, o aço urbano recebeu inscrições antigas, e a tecnologia humana passou a vibrar em harmonia com a magia asgardiana. Esse pacto não apagou as memórias da guerra, mas ensinou-lhes o valor das cicatrizes.

Origem nunca aceitou o título de herói. Preferia caminhar, anônimo, entre mercados reconstruídos e muralhas recém-erguidas. Carregava sempre um pequeno punhado de **sementes de Alfheim**, esferas douradas que pulsavam como corações em repouso.

Nas ruas devastadas de Midgard ele testou, pela primeira vez, a extensão de seu dom.

Sentou-se diante de um canteiro de concreto rachado, tocou a superfície com a palma aberta e **sentiu dois ritmos ao mesmo tempo**: o estilhaço da estrutura e o eco distante de uma vida que poderia ser. Um fio verde brotou, depois outro, até que videiras serpenteassem pelo metal corroído, cobrindo-o de folhas translúcidas que filtravam luz sobre crianças maravilhadas.

À medida que os meses avançavam, parques inteiros renasciam onde antes havia apenas ruína. **Flores de luz** — híbridos entre lírios terrestres e pétalas rúnicas — passaram a se abrir ao entardecer, cantando em harmônicos suaves que afugentavam drones remanescentes da ocupação. Os moradores diziam que a cidade "voltava a respirar", e atribuíram o fenômeno a sistemas de irrigação secretos. Origem mantinha silêncio: não contava que, toda vez que a aurora fendia o céu, ele também sentia fendas menores pingar no tecido dimensional — e, instintivamente, as costurava com a mesma delicadeza com que guiava raízes.

Ele pressentia que a verdadeira fonte de seu poder não era apenas botânica, mas algo **entre mundos**. Contudo, não ousava aprofundar-se: temia desfazer o frágil equilíbrio recém-alcançado.

Enquanto Origem devolvia cor aos bairros cinzentos, Ômega erguia-se entre antenas e engrenagens. Instalou seu posto no topo de um arranha-céu convertido em **Observatório Temporal**: muralhas de vidro, fileiras de instrumentos híbridos — parte bronze rúnico, parte quartzo fotônico — e uma vasta mesa de relógios que marcavam segundos, eras e algo entre ambos.

Ele descobriu seu talento quase por acidente.

Durante a restauração de um antigo astrolábio, o metal partiu-se em suas mãos. Ômega reagiu por puro reflexo, cobrindo a rachadura com os dedos; **o astrolábio voltou a ser inteiro**, como se o estilhaço nunca houvesse acontecido. O fenômeno durou um piscar: o objeto "recuou" apenas alguns instantes no próprio tempo, mas isso bastou para que ele percebesse um eco que podia manipular.

Não fez alarde. Em público, era o "contador de batidas", o homem que media fluxos cronológicos para alinhar calendários de dois mundos. Em privado, praticava com objetos pequenos uma ampulheta,

uma pena quebrada, às vezes uma vela que se reerguia antes de cair. Cada teste deixava-o exausto; o tempo, percebeu, **cobrava juros**.

No fundo, perguntava-se de onde surgira tal precisão como se parte dele estivesse ajustada a um relógio maior e invisível.

Na alvorada do terceiro ano, um chamamento percorreu os salões altos de Asgard: o Ritual de Vislumbre, uma cerimônia nova criada, realizada apenas quando os véus do destino se tornavam tênues. Um oráculo era lido. Uma verdade escondida era revelada.

— Vocês foram chamados — disse Odin, o regente de Asgard — Há respostas esperando.

Origem e Ômega não sabiam o que esperar. Mas aceitaram.

No coração de uma câmara circular, cercada por espelhos feitos de estrelas congeladas, eles foram posicionados em círculos rúnicos. Acima, flutuava um cristal negro translúcido: o Olho de Veidr, que via o que estava fora do tempo e da lógica.

Luz os envolveu.

Então veio a visão.

Origem flutuava em meio a uma árvore cósmica. Seus pés não tocavam solo. Seu corpo era envolvido por raízes feitas de universos, galhos que se estendiam para todos os lados, folhas que sussurravam nomes de mundos esquecidos. No centro de seu peito, uma flor pulsava.

— Tu és o Guardião do Jardim das Realidades — sussurrou uma voz que não era de ninguém, mas ressoava como tudo.

— És aquele que navega entre fendas. A rachadura te segue... pois és o curador do que se parte.

Origem viu suas mãos tocando universos e selando rachaduras com fios de energia. Não era o causador. Era o remendo. O jardineiro.

Ômega, por sua vez, caminhava sobre um oceano de espelhos. Cada passo o levava para trás... e para frente. À sua esquerda, o passado formava imagens de guerras, quedas, sorrisos apagados. À direita, o futuro piscava em potencial de esperança, medo, possibilidades.

Seus olhos ardiam.

— Tu és o Guardião do Tempo — disse a mesma voz, agora multiplicada.

— O olho vermelho vê o que foi. O azul, o que poderá ser.

— És aquele que marca o ritmo. Que mantém os mundos em cadência.

Ômega estendeu as mãos, e os espelhos dançaram ao redor dele. O tempo não fluía. Ele o regia.

Ambos despertaram ao mesmo tempo.

O salão estava em silêncio.

— Agora vocês sabem por que sempre foram puxados — disse Odin. — O multiverso chama aqueles que podem sustentá-lo.

Origem e Ômega se entreolharam.

— A rachadura... ela não nos perseguia — murmurou Origem. — Ela nos convocava.

— E se somos os únicos que podem repará-la... então não podemos mais ficar — completou Ômega.

Despediram-se ao pôr do sol.

O céu de Asgard entoava reflexos dourados que reverberavam como sinos distantes; do outro lado do firmamento, Midgard respondia com filetes de luz elétrica, cintilando feito constelações urbanas. Entre esses dois brilhos repousava a cápsula—antes destroço de guerra, agora relíquia renascida, soldada por runas incandescentes e cabos de liga transparente.

Origem passou a mão pela fuselagem, sentindo o pulso discreto da junção entre magia e circuito. Ômega conferiu os instrumentos de navegação: ponteiros rúnicos giravam em harmonia com mostradores de quartzo fotônico—prova de que dois mundos podiam, afinal, falar a mesma língua.

Quando a escotilha deslizou, o silvo metálico soou menos como despedida e mais como página virada. Os dois entraram lado a lado, sem pressa, sem ordens, sem escolta. Apenas eles e o zumbido sereno do motor entre realidades.

Antes que a porta selasse, olharam uma última vez para os reinos que aprenderam a remendar. Viram jardins suspensos sobre muralhas recém-pintadas, viram antenas que riscavam o céu com promessas de futuro. Viram cicatrizes—e vida brotando nelas.

Então partiram.

Não para escapar.

Mas porque, desta vez, **escolhiam** o rumo em vez de reagir a ele.

Capítulo 6 – O Terceiro Fragmento

O multiverso se abriu diante deles como um campo semeado de infinitas possibilidades.

A cada passagem, uma nova realidade.

Havia mundos de gelo suspenso, onde os pensamentos eram visíveis como cristais flutuantes. Havia terras de poeira viva, onde civilizações de pedra imploravam por tempo. Havia oceanos de luz, onde seres se comunicavam por cor, e florestas onde as árvores falavam em corais de raízes.

Em cada um deles, havia uma rachadura.

E ali, estavam eles.

Origem, com seus olhos azuis como o céu noturno, trazia vida. Por onde passava, o desequilíbrio cessava. As fendas se fechavam sob suas mãos, e galhos invisíveis reconectavam o que havia se perdido. Era o jardineiro não só de plantas, mas de possibilidades.

Ômega, com o olhar dividido entre o vermelho e o azul, fazia o tempo voltar a respirar. Os ciclos congelados voltavam a pulsar. As estações giravam, as gerações renasciam. Ele não curava como Origem. Ele dava ritmo, compasso. A música do existir.

Durante meses — talvez anos, pois o tempo ali era fluido — eles restauraram mundos.

Mas algo permanecia errado.

Foi Ômega quem sentiu primeiro.

— As coisas voltam a florescer. Mas depois... tudo parece estagnado.

Origem também notou.

— É como se houvesse crescimento... mas não renovação.

Mundos restaurados tornavam-se estáticos. Perfeitos demais. Estéreis. Sem conflito. Sem transformação.

— Como se faltasse o vento que derruba — murmurou Origem. — Como se nada estivesse morrendo.

— E sem morte... não há renascimento.

Foi aí que entenderam.

Eles eram a cura e a continuidade.

Mas onde estava o fim?

Onde estava o **fragmento da destruição**?

Foi em um mundo feito de sombras geométricas que o entendimento começou.

Ao entrarem, perceberam algo diferente.

Ali, a rachadura não clamava por cura — ela se expandia, viva, faminta, como se os engolisse por dentro. Os seres daquele universo não pareciam corrompidos, mas... presos. Condenados a viver em ciclos intermináveis de florescimento. Nada ali morria. Nada ali mudava.

— Não devemos curá-lo — disse Ômega.

— Mas se não curarmos, ele será consumido... — hesitou Origem.

— Ou... talvez precise cair. Para que possa renascer.

Foi ali que viram. Um vulto. Não de escuridão — mas de força crua.

Ele não pedia permissão. Ele não construía. Ele quebrava.

E onde ele tocava... as coisas se desfaziam. Mas em sua trilha, a terra não morria. Apenas... ficava vazia. Pronta.

— Quem é ele? — sussurrou Origem.

— Não é o inimigo — murmurou Ômega, assustado. — É... o que falta.

O terceiro fragmento,o **Agente da Destruição**.

Eles não o enfrentaram. Nem o saudaram. Apenas o observaram — e entenderam.

Para que a realidade siga... ela precisa nascer, viver e morrer e então, renascer.

Eram o Jardineiro e o Relógio, mas faltava o Fogo, o fim necessário. Agora sabiam: outro viajante cruzava as realidades, talvez pisando nos mundos antes que eles chegassem. Quem sabe, um dia, seus caminhos se encontrassem. Até lá, seguiriam adiante: ainda havia muito a remendar — e, talvez, muito a deixar ruir.

Capítulo 7 – Ecos do Fim

O universo se tornara silencioso depois da descoberta, não um silêncio de paz, mas de expectativa. Origem e Ômega, sentados lado a lado na borda de um planeta cristalino, observavam as estrelas moverem-se em padrões novos. Era como se, de repente, estivessem em busca de algo — ou de alguém.

— Se existe um terceiro como nós — disse Ômega, observando uma rachadura menor se fechar sozinha ao longe — ele não é aleatório. Ele está fazendo escolhas.

— Como nós — completou Origem.

Sabiam que não podiam seguir adiante sem entender. Partiram, então, em busca de sinais — não provas diretas, mas ecos do rastro deixado por esse viajante invisível.

Primeiro chegaram a uma cidade abandonada. Nenhum indício de batalha, nenhum escombro recente — apenas avenidas limpas onde a vegetação havia recuado em círculos exatos, como se a própria vida tivesse sido apagada. Não fogo, não gelo: a ausência pura.

Depois cruzaram um vale de criaturas pétreas que entoavam cânticos graves sobre "aquilo que se parte para nos libertar". As estátuas vivas nada sabiam de quem trouxera a canção; apenas repetiam o refrão como se tivesse surgido no vento.

Em um terceiro mundo encontraram, no centro de um planeta morto, um único símbolo gravado na rocha: três linhas espiraladas que pareciam raízes quebradas a partir de um núcleo.

Esses vestígios sugeriam um padrão: não uma onda de destruição cega, mas colapsos dirigidos — cortes precisos, como quem poda galhos para que a árvore volte a crescer.

— Ele não devasta — concluiu Origem em voz baixa. — Ele reinicia.

— E nós chegamos sempre depois — completou Ômega, os dois olhos — azul e vermelho — brilhando na penumbra.

Traçaram as ocorrências em ordem inversa, como quem segue uma trilha de cinzas para encontrar a primeira faísca. Quanto mais avançavam, mais nítida se tornava a hipótese incômoda:

— Ele é como nós — sussurrou Origem. — Consciente.

— E solitário — acrescentou Ômega. — Como nós fomos um dia.

Mas, até ali, nenhum encontro direto, nenhum rosto visto. Só fendas já curadas, civilizações "reiniciadas", símbolos gravados onde já não restava nada para ruir — fragmentos de passagem de alguém que preparava terreno para o próximo recomeço.

E essas pegadas invisíveis deixavam claro: a cada realidade ajustada, o viajante se adiantava um passo — sempre um passo — àqueles que vinham atrás para costurar o que sobrava.

Num planeta onde tudo era feito de memória condensada — uma realidade onde os habitantes viviam dentro das lembranças de si mesmos — eles encontraram algo diferente: uma fenda que não sangrava. Uma rachadura estabilizada. Harmoniosa.

No centro dela, uma única árvore que crescia ao contrário. Suas raízes iam para o céu. E nela, entalhada em runas ancestrais:

> “A criação exige tempo.

O tempo exige forma.

A forma exige fim.

E o fim... exige vontade.”

— Ele sabe — disse Ômega.

— Ele está tentando ensinar — completou Origem.

A jornada, agora, tinha um novo foco.

Não bastava seguir remendando realidades, eles precisavam compreender o equilíbrio total e para isso, precisavam encontrar o terceiro.

Aquele que quebra.

Aquele que prepara o chão.

O agente da destruição.

Capítulo 8 – No Coração do Vazio

As últimas realidades que visitaram não pareciam lugares; eram **rascunhos rasgados**.

Fragmentos de ideias que nunca floresceram, ruínas de civilizações que jamais chegaram a existir, mundos partidos onde o tempo sequer começara e a matéria já se cansara de permanecer.

Origem pousava a mão nesses solos estéreis e sentia suas raízes de poder afundarem em pó — ainda assim, fazia brotar **primeiros brotos**: folhas translúcidas que devolviam cor ao nada. Ômega, ao lado, escutava os ecos de um futuro abortado; com um toque, adiantava um segundo no relógio universal e o tempo voltava a correr, permitindo às sementes de Origem completar o ciclo. Assim, **cada escala da jornada transformava-se num canteiro reerguido**: cidades apagadas ganhavam jardins de luz, rios ressecados recuperavam fluxo, e constelações esquecidas surgiam nos céus recém-restaurados.

— Ela passou por aqui — concluiu Origem, sentindo a trégua deixada para trás.

— E não deixou destruição; deixou **espaço** — murmurou Ômega.

Não restavam dúvidas: existia um terceiro agente — não de caos, mas de liberação. De encerramento. Limpava o tabuleiro para que algo novo pudesse ser escrito, e deixava para eles a tarefa de **reacender** o que valia a pena.

A trilha era clara e levava-os cada vez mais fundo, até a orla do concebível.

A cápsula deslizou além dos mundos, cruzando a fronteira da forma. Chegaram, enfim, a um universo sem luz, sem tempo, sem contorno: uma realidade feita de ausência — e, no centro dela, um ponto imóvel, pulsando silêncio.

Desceram. Não sabiam se tocavam o chão — ou se havia chão.

Ali, onde tudo era tão completamente vazio que o próprio eco se recusava a nascer, bastava um sussurro para recomeçar o tecido do real.

E foi nesse silêncio absoluto que sentiram pela primeira vez a presença de quem abria espaço para o novo: o fogo que faltava ao jardineiro e ao relógio.

Ela apareceu em meio ao vazio. Não surgiu. Estava ali.

Uma garota. Jovem, calma, imóvel.

Seus cabelos eram negros e cacheados, e se moviam como se fossem feitos de chamas negras. Seus olhos eram escuros — profundos como buracos que não refletem. Sua pele, branca como cinzas. Nem viva, nem morta. Apenas... necessária.

Origem e Ômega pararam e ela olhando para eles. Seu olhar não julgava, nem se impressionava.

Apenas reconhecia.

E então, ela falou:

— Quem são vocês? Sei que vocês existem. Sei que estão vagando.

Mas não sei... o que realmente vocês querem.

A voz era serena, sem peso, sem eco — mas cada sílaba caía como uma folha que afunda devagar no abismo.

— Você é... a destruição — disse Origem.

A garota girou devagar quando escutou o título que lhe deram. Os cabelos negros, inquietos como chamas invertidas, dançaram sem vento. Com o indicador estendido, ela sulcou o ar vazio, deixando atrás de si um traço incandescente que se curvou num espiral quebrado — o mesmo signo gravado nos mundos colapsados.

— **Sou Null**, guardiã do que precisa ser removido — declarou, a voz reverberando em múltiplos tons, como se falasse de dentro de um abismo.

Ômega avançou um passo, olhos rubro-azuis fixos na luz suspensa.

— Null… é esse o seu nome?

Ela assentiu, mas o brilho furioso em seus olhos dispensava gentileza.

— Não sou o fim — rosnou. — Sou a pausa. O espaço para o novo. Por que me seguem há anos?

Origem abriu a boca para responder, mas a réplica veio em forma de choque: o vazio estremecendo num trovão sem origem. Fendas negras se abriram ao redor, cuspindo rajadas de anti-luz que cortavam o nada como lâminas.

— **Afaste-se!** — gritou Ômega.

Origem ergueu as mãos; de sua pele brotaram lianas verde-eternidade que se entrelaçaram, formando uma cúpula viva diante dos dois. As rajadas de Null ricochetearam num coro metálico de folhas cintilantes.

— Não viemos causar mal! — bradou Origem dentro da barreira, o azul dos olhos trepidando. — Detectamos sua presença e seguimos o rastro. Procuramos quem era como nós.

Null replicou com outra onda de ruído. — **Mais um, o quê?** Vocês remendam rachaduras e empurram o tempo adiante, mas não entendem o custo! — O eco de suas palavras dilacerou o silêncio; cada sílaba abria fendas que engoliam pedaços de luz.

Ômega cerrou os punhos; tentar conter o ataque era inútil onde não havia ordem alguma. Respirou fundo, sentindo o pulso parado do lugar — e decidiu **instalar** um. Uma aura carmesim-azulada irrompeu de seus dedos e se espalhou como um relógio invisível: segundos nasceram, então minutos, depois um compasso regular que transformou a ausência em contagem.

O vazio estacou; as fendas congelaram como se aguardassem permissão para existir. Null franziu o cenho: — O que você fez?

— Dei a este espaço **tempo o bastante** para te escutar — murmurou Ômega, a testa coberta de suor.

No silêncio recém-organizado, Origem abaixou a barreira de cipós e tocou o "chão" — se é que havia chão. De sua palma correram raízes de pura luz, colonizando a escuridão com brotos de realidades potenciais: pequenas esferas que pulsavam como embriões de universos. A cada germinar, pedaços do vazio ganhavam cor, textura, som.

Null recuou um passo. Naquelas sementes cintilantes, reconheceu o mesmo potencial que a guiava a destruir — mas, desta vez, virado para nascer. O fogo dentro dela vacilou.

— Vocês… moldam depois que eu quebro — sussurrou, quase surpresa.

Origem ergueu o olhar, ainda ajoelhado entre as brotações.

— E você abre espaço para que possamos moldar. Não somos rivais, Null. Somos intervalos de um mesmo ciclo.

Ômega baixou as mãos; o fluxo do tempo sustentava-se sozinho agora, um metrônomo discreto que mantinha o tecido estável.

— Jardineiro, Relógio… e Pausa — disse ele, respirando fundo. — Três funções para um equilíbrio que nunca vimos completo.

O fogo nos cabelos de Null amansou numa brasa cintilante. Pela primeira vez, seus olhos escuros refletiram não o vazio, mas as pequenas galáxias que Origem fizera brotar.

Ali, no coração de um universo que ainda não existia, os três se encararam — não como inimigos, mas como **partes que faltavam umas às outras**. E, naquele instante, o ciclo pareceu inteiro.

Capítulo 9 – Três Fragmentos

O multiverso já não parecia desordenado desde que os três se moveram como um único fluxo.

Origem, Ômega e Null — fragmentos de um mesmo ciclo — chegaram a compreender que nunca foram opostos, apenas incompletos quando separados.

Quando aportavam num universo, primeiro o escutavam: analisavam sintomas, mapeavam seu ciclo de nascimento e declínio — e só então agiam, em cadência única.

- **Origem** tocava mundos feridos, costurava fendas e fazia brotar raízes que devolviam fôlego ao solo e às estrelas.

- **Ômega** restaurava o compasso, soprando segundos novos em constelações que haviam esquecido como pulsar.

- **Null** liberava o que precisava cessar: caminhava sobre estruturas exauridas e, sem raiva, dissolvia o que não podia mais sustentar vida.

Aprenderam a ouvir os mundos — e, sobretudo, a ouvir-se uns aos outros.

Foi assim que descobriram a verdadeira natureza das rachaduras: rastros involuntários de Null. Cada vez que ela rompia o que não servia, deixava cicatrizes dimensionais clamando por reparo e ritmo. As fendas, portanto, eram pedidos silenciosos: que Origem salvasse o que merecia crescer, que Ômega devolvesse o tempo necessário ao novo ciclo, e que Null concluísse o encerramento.

Aceitaram esse padrão como parte do equilíbrio universal e seguiram viagem — jardineiro, guardião do tempo e pausa criadora — partes de um mesmo pulso que restaurava, ritmava e liberava toda realidade que sussurrasse por socorro.

O vínculo, antes funcional, tornou-se afeto.

Origem começou a se divertir mais nas pausas, ouvindo as histórias e as piadas temporais de Ômega.

Ômega passou a registrar não só o tempo, mas os sentimentos invisíveis entre gestos e silêncios.

Null, que fora ausência viva, falava o bastante para mostrar que já não estava só.

E então, quando menos esperavam, encontraram algo que nenhum dos três buscava

Uma realidade diferente.

Não estava quebrada.

Não estava estagnada.

Não estava em colapso.

Estava... viva.

— Reconheço isso — sussurrou Origem, com os olhos cheios de um brilho que parecia vir de dentro.

— Isso é... o lugar de onde você veio? — perguntou Ômega.

— O Jardim — disse Null, num tom que parecia mais memória do que fala. — O primeiro.

À frente deles, flutuando sobre raízes douradas e estrelas adormecidas, estava o Jardim das Realidades.

O lugar de onde tudo havia começado.

O lugar que — talvez — ainda guardasse as respostas que nem mesmo eles tinham.

Eles se entreolharam.

E pela primeira vez, desde o início de tudo, deram um passo não para consertar... mas para entender.

Capítulo 10 – O Jardim

O Jardim os acolheu sem som.

As raízes se curvaram ao redor deles como braços de uma casa antiga reencontrando os filhos. O tempo não corria ali — ele descansava. A luz não brilhava — ela acariciava. Era um lugar onde até o ar parecia lembrar.

Origem deu um passo e seus pés tocaram o solo vivo.

— Eu conheço isso — disse, com os olhos azuis marejando. — Eu sonhava com isso... antes de saber o que era.

Ao redor, flores pulsavam em tons que não existiam em nenhum outro universo. Cada pétala contava uma memória. Cada galho, uma linha do que foi ou será.

Ali... estava o início.

E o fim.

Foi sob uma árvore translúcida, cujos frutos flutuavam no ar como constelações, que o silêncio foi rompido.

Uma voz — não masculina, nem feminina — falou em todas as direções:

— Bem-vindos ao que sempre foi de vocês.

As três figuras se voltaram.

Mas não havia forma.

Apenas a presença.

O Criador.

Aquele que observa.

Aquele que guarda.

Aquele que vê.

Origem. Aquele que cura.

Ômega. Aquele que dá fluxo ao tempo.

Null. A que permite que o novo nasça... ao deixar o velho partir.

— Quando você nasceu, Origem — prosseguiu a voz — a realidade tremeu. Não por temer um perigo, mas por pressentir uma semente.

Imagens suaves se formaram na penumbra: dois cidadãos comuns, olhar assustado e mãos trêmulas, mas cheios de ternura. Seguravam um bebê de olhos azuis tão profundos que pareciam conter auroras inteiras. A mãe apertava-o num lençol simples de seda, como se tecido modesto bastasse para proteger algo tão vasto.

— Eles não clamaram por glória — explicou a voz. — Pediram apenas proteção.

O Criador ouviu. E, compadecido, abriu-lhes um refúgio além do alcance de qualquer medo: **o Jardim das Realidades**. Ali, entre raízes que cruzavam dimensões, os pais de Origem encontraram segurança e paz, sem jamais compreender a plenitude daquele dom.

A névoa de luz tremeu e a cena mudou.

Apareceu **Ômega**, ainda menino — mas com lembranças, rotinas, pequenos afetos que construíra num mundo congelado no tempo. Ele acordava todos os dias sob a mesma aurora imóvel, alimentava-se de frutas preservadas pelo gelo eterno e reunia pedras-relogiarias numa tentativa de compreender aquele lugar. Não sabia como ali chegara, apenas que aquela vida estática, por estranha que fosse, já era *dele*; por isso, guardava-a com cuidado.

Então, certa manhã, uma rachadura rasgou o horizonte e, dela, **Origem** surgiu em clarão esmeralda. Quando os dois se tocaram, o gelo do silêncio estourou e o tempo voltou a fluir. O vento soprou pela primeira vez; as árvores rangidas libertaram folhas que nunca haviam caído.

— Sua consciência só despertou por completo quando encontrou seu equilíbrio — explicou o Criador.

Ômega, porém, hesitou. Entre o mundo que finalmente começava a mover-se — fruto de anos de convivência silenciosa — e a mão estendida de Origem, demorou um instante precioso. Partiu, mas carregou no peito a apreensão de quem deixa para trás a única vida que conhecera, ainda que não soubesse a razão de tê-la obtido. Esse apego inicial explicaria, mais tarde, sua insistência em registrar não apenas o tempo, mas também os sentimentos que o tempo preserva ou apaga.

A cena mudou outra vez.

Agora se via **Null**, sozinha, vagando por ruínas que se desfaziam ao menor sopro. Desde o princípio dos tempos ela caminhava entre civilizações à beira do colapso, encerrando ciclos que haviam perdido o sentido — porque o fim é tão antigo quanto o começo. Pelo vazio dos olhos de Null nunca correra lágrima alguma, mas, ao ouvir as palavras do Criador, seus lábios curvaram-se num sorriso delicado: o primeiro.

— Ela sempre existiu — prosseguiu a voz —, pois o término é a nota que prepara o nascimento da próxima melodia.

Então os três quadros se fundiram num único panorama: **o Jardim das Realidades** — raízes douradas flutuando por fendas cósmicas, planetas recém-formados aninhados como brotos. No centro, o Criador falou sem ser visto:

— Perguntam-se por que tudo isto? Porque só o equilíbrio sustenta a eternidade. Vocês *são* esse equilíbrio.

— Este Jardim… é o seu lar.

Origem, Ômega e Null olharam-se em silêncio. Pela primeira vez, não como peças desencontradas, mas como partes de um todo que finalmente compreendiam.

O **Jardim das Realidades** não era um campo único, mas três regiões ligadas por pontes translúcidas:

1. **Bosque de Raízes** – vales suspensos onde veios de luz germinavam em árvores que carregavam mundos minúsculos nos galhos. Ali, Origem podia plantar, curar e expandir vida sem limites.

2. **Galeria dos Espelhos** – corredores infinitos de cristal líquido que refletiam passado e futuro ao mesmo tempo, permitindo a Ômega acompanhar cada linha temporal sem perder o compasso do presente.

3. **Planície do Vazio Fértil** – uma campina silenciosa, rendilhada por brumas prateadas. Ao repousar ali, Null sentia o espaço abrir-se, pronto a acolher a próxima criação depois do término necessário.

O Criador falou, a voz ecoando sobre as três paisagens:

— Cada um de vocês tem um lugar próprio, mas nenhuma porta se fecha. Vocês podem cruzar estas pontes sempre que desejarem.

Origem franziu a testa.

— Ficaremos separados?

— Um pouco — admitiu o Criador —, mas nunca sós. O Jardim é eixo, não jaula. É ponto de retorno sempre que precisarem recomeçar.

Os três trocaram um breve olhar. Não havia tristeza; apenas um reconhecimento tranquilo. Tinham, enfim, um **lar** – não como destino final, mas como origem constante: um lugar onde brotar, marcar o tempo e abrir espaço para o novo, antes de partirem novamente para equilibrar o multiverso.

Capítulo Final – A Semente da História

O jardim respirava em silêncio.

Sob uma copa larga, enraizada no céu e nas estrelas, sentavam-se dois: Origem e o Viajante. Este último, ainda confuso, segurava uma pequena flor que havia nascido do chão — sem plantio, sem intenção.

— E foi isso? — perguntou o Viajante. — Por que... você me contou tudo isso?

Origem o observava com calma. Os olhos azuis brilhando suaves, como o céu antes do amanhecer.

— Porque é preciso que alguém se lembre — disse ele. — Que alguém carregue isso como semente.

O Viajante franziu o cenho.

— Eu não entendo.

Antes que Origem pudesse responder, dois passos suaves ecoaram atrás dele.

Ômega chegou primeiro, sorrindo com aquele brilho maroto no olhar. Logo atrás, vinha Null — silenciosa, seus cabelos negros flamejando levemente, seus olhos profundos como a ausência do tempo.

— Queremos que essa história fique viva — disse Origem, agora de pé, diante do Viajante. — Assim como o olhar do tempo, que flui... e que deixa de fluir — disse ele, olhando para Ômega, que assentiu com um leve giro de ombro.

— Assim como o nascimento de novas raízes neste Jardim — completou Origem, com um gesto em direção às árvores ao redor.

— E como o fim — murmurou Null, com um leve sorriso — de tudo que se dissipa... para dar lugar ao novo.

O Viajante engoliu em seco. Algo dentro dele, até então silencioso, despertava.

— Por isso — disse Ômega, com um tom mais suave, e um ar brincalhão — vamos te enviar de volta.

— Ao seu lugar de origem — concluiu Origem.

— Com essa história — disse Null. — Para que compartilhe com aos outros.

— Para que saibam do sacrifício — disse Origem. — E da vivência. Para que mais realidades se levantem. Para que lutem... por aquilo que desejam.

— Por aquilo que acreditam — acrescentou Ômega, girando uma folha no ar como se fosse um ponteiro de tempo.

— Mesmo que não tenham raízes dimensionais. Nem olhos que veem o tempo. Ou a capacidade de apagar o que precisa ir embora — completou Origem.

Null ergueu uma sobrancelha, cruzando os braços.

— Eu não destruo — disse com fingida indignação. — Eu apenas... abro espaço.

Todos riram.

Foi um riso tranquilo. Sem peso. Um riso que selava laços.

— Que essa história fortaleça muitos — disse Origem. — Pois nós vemos. Daqui. Junto ao nosso Criador. Cada desejo. Cada grito silencioso no coração de quem quer viver.

O Viajante sentiu um vento leve envolver seu corpo.

A luz mudou. As cores se inverteram.

E antes que pudesse agradecer, uma raiz envolveu seu pé, uma linha de tempo cruzou sua pele, e uma sombra branca se despediu com um olhar.

Ele estava voltando.

E a história... agora era sua.

Fim